



Recebido em: 08/04/2016

Aceito em: 25/05/2016

JESUS, A DOR E A ORIGEM DE SUA AUTORIDADE
O PODER DO CRISTO EM NÓS
JESUS, THE PAIN AND THE ORIGIN OF HIS AUTHORITY
THE JESUS'POWER IN US

Guilherme Lima Cardozo¹

PUC-RIO

<http://lattes.cnpq.br/5121414206260538>

O livro lançado pelo escritor Paiva Netto, no dia 08 de novembro de 2014, na capital federal, não chama a atenção do público leitor apenas pela intensa arte gráfica presente na capa do exemplar, tampouco pela expressiva marca de mais de 2,5 milhões de livros vendidos até o presente momento. Já nas primeiras páginas, aquele que imagina se tratar de um compêndio de natureza religiosa, devido ao título do livro, surpreende-se com o caráter eximamente filosófico-político-científico da obra: de Platão a Einstein, de Paulo de Tarso a Nietzsche, da Divina Comédia de Dante Alighieri aos tratados sociológicos de Marx, Weber e Durkheim, ideias estas somadas a brilhantes outras vêm corroborar o status que Paiva Netto atribui a Jesus: o maior Filósofo, Político e Cientista!

A obra nos convida a fazer um passeio pela história, e logo nos primeiros capítulos, ao falar sobre a Autoridade Una de Jesus, remontamos aos conceitos primórdios, desenvolvidos por Parmênides, Alcino, Plotino, e, posteriormente, Platão, acerca do Uno (ou da natureza do que é Divino e indizível). Com base em raciocínios silogísticos, o autor comprova factualmente que o Cristo é a representação desse "indizível", representação cabal do Deus inefável. Em seguida, destaca os chamados "missionários de ponta", polemizando o texto bíblico

¹ Guilherme Lima Cardozo é mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio; possui doutorado-sanduíche pela Universidade de Coimbra e atualmente está vinculado ao projeto de doutorado da PUC-Rio "A Linguagem como forma de vida e o perspectivismo", financiado pela CAPES e orientado pela Prof. Dra. Helena Franco Martins.

constante do Apocalipse onde se afirma que existiam cento e quarenta e quatro mil selados por Deus (Apocalipse, caps. 7 e 14). Em seus comentários, tranquiliza os desesperados afirmando que Jesus não seria tão injusto ao escolher apenas cento e quarenta e quatro mil para o “Seu rebanho”, mas que esses seriam almas comprometidas com revoluções no planeta, durante os séculos (PAIVA NETTO, 2014, p. 54), tais como os grandes filósofos gregos, Confúcio, Buda, Gandhi, Einstein, Lincoln, entre outros de diversas áreas do saber, até mesmo aqueles que se diziam ateus, como Nietzsche, Marx e Freud, os quais, segundo exposições do autor, vieram à Terra para trazer novos rumos à sociedade, sendo assim, missionários de ponta.

Em épocas tão inflamadas no que concerne ao Estado Islâmico, Paiva Netto ressalta páginas belíssimas do Sagrado Corão, convocando-nos a uma compreensão espiritual acerca dos livros sagrados de todas as religiões, não confundindo suas doutrinas com as subjetividades de seus [pseudo] seguidores. Unifica as Suratas islâmicas com os ensinamentos dos antigos, como os da Mishná judaica, mostrando que Jesus reúne, em si, toda a essência espiritual superior contida nos saberes humanos.

O que Paiva Netto buscará trazer em todos os capítulos do livro é a trajetória de Jesus Cristo, seus martírios – não somente o da cruz –, suas renúncias e seus despojamentos, resultando na Autoridade conferida a Ele através da ressurreição. No quinto capítulo, o Budismo é trazido para explicar o que seria esse despojamento vivido por Jesus, cunhado no conceito de “esvaziamento do ego”, desenvolvido por Mestre Shinran (*ibidem*, p. 110). Inevitável nos é, pela leitura exposta, fazer analogias com o conceito de ego desenvolvido por Freud em sua obra *Além do princípio do prazer*, o que, de forma impressionante, ratifica o que Paiva Netto traz em suas páginas ao afirmar que Jesus foi o modelo maior de esvaziamento do ego, e isso os psicanalistas com mente aberta não de concordar.

Acerca da função da dor, a figura do dramaturgo, poeta, filósofo e historiador alemão, Friedrich von Schiller é muito bem invocada: “Se do céu não desce a chispa que inflama, se não se aviva o Espírito, os corações languescem” (SHILLER *apud* PAIVA NETTO: 119). Melhor ainda a transcrição do poema de Cruz e Sousa, *Sobre a dor*, onde, por meio da arte, Paiva Netto mostra que a dor não possui caráter apenas punitivo, no entanto pedagógico, mais ainda, moralmente elevador:

Suporta calmo a dor que padeceres,/convicto de que até dos
sofrimentos,/no desempenho austero dos deveres,/mana o sol que
clareia os sentimentos./Tolera sempre as mágoas que sofreres,/em
teus dias tristonhos e nevoentos;/há reais e legítimos prazeres/por
trás dos prantos e padecimentos./A dor, constantemente, em toda
parte,/inspira as epopeias fulgurantes/nas lutas do viver, no amor,
na arte;/nela existe uma célica harmonia/que nos desvenda, em

rápidos instantes,/mananciais de lúcida poesia (CRUZ E SOUSA *apud* PAIVA NETTO).

Acerca de política, o autor desenvolve um conceito já conhecido de sua literatura, o de Política de Deus, o qual nada tem a ver com política partidária, mas com as diretrizes políticas trazidas por Jesus. Para legitimar o tema desenvolvido neste capítulo, Paiva Netto traz à tona palavras de políticos e juristas, tais como Bezerra de Menezes e Rui Barbosa, a fim de mostrar que a verdadeira democracia é um conceito Divino, ensinado pelo Cristo em diversas passagens de Seu Evangelho, como a oportunidade aos desvalidos fisicamente de alcançar os mesmos direitos medicinais que os outros (João 5:8 e 9); a valorização da mulher (Lucas 7:50); a oportunidade de reabilitação moral a todos (João 8:1 a 11); o direito das crianças (Mateus 19:14); unindo as premissas de Jesus – “a cada um será dado de acordo com as suas obras” (Mateus 16:27) – com as palavras de Rui, em sua *Oração aos moços* – “A regra da igualdade não consiste senão em quinhonar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigalam” (PAIVA NETTO: 138) – e as de Confúcio: “Paga-se a Bondade com a Bondade, e o mal com a Justiça (*ibidem*, p. 142).

O objetivo de ressaltar a Autoridade de Jesus no decorrer da obra não se alcança com apontamentos meramente subjetivos e interpretações fanáticas sobre a Bíblia Sagrada. Nada disso! O livro magistralmente se vale do que há de mais valioso nas produções artísticas humanas para legitimar o poder de Jesus: ao afirmar que as ciências humanas são limitadas, ao passo que as ciências espirituais – chamadas por Platão de ciência superior, e por Aristóteles de ciência do espírito – revelam o “algo mais”, tão necessário à evolução do ser. Paiva Netto lembra Montesquieu, em sua categórica afirmação de que “há certos limites que a Natureza impôs aos Estados para mortificar as ambições do homem” (MONTESQUIEU *apud* PAIVA NETTO), bem como William Shakespeare, por intermédio de sua personagem Hamlet, que afirmara, no Ato 1, Cena 5: “There are more things in Heaven and Earth, Horatio, than are dreamt of in your philosophy” (SHAKESPEARE *apud* PAIVA NETTO).

O tema política é recorrente no livro de Paiva Netto, tanto que ele dedica ao tema cinco capítulos explicitamente. Mas conforme se afirmou anteriormente, não a política partidária, mas aquela sob o pálio do Mandamento Novo de Jesus (João 13:34 e 35), consistente no Amor a todas as criaturas. As colaborações ecumênicas norteiam e dão um destaque maior ao livro, como esta que segue:

Max Weber (1864-1920), historiador, economista e político alemão que, ao lado de Karl Heinrich Marx (1818-1883) e Émile Durkheim (1858-1917), é considerado um dos fundadores da sociologia moderna, escreveu: o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo

“desencantamento do mundo” levou os homens a banir da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontram refúgio na transcendência da vida mística ou nas fraternidades das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados (WEBER *apud* PAIVA NETTO: 318).

A autoridade de Jesus é algo tão efetivo nas palavras do autor que, apesar de não percebida, e, às vezes, tampouco assumida, faz-se palmar nas palavras e nas ações de pessoas, ilustres ou não, que, mesmo não religiosas, reforçam o cerne da doutrina deixada pelo Cristo de Deus.

A Ciência, mais especificamente a Física, é tema de dois capítulos da obra *Jesus, a dor e a origem de Sua Autoridade*, quais sejam, Jesus, a Teoria DE Tudo e a Teoria DO Tudo (partes I e II), onde o autor faz o encontro entre a conhecida Teoria de Tudo com a Teoria Do Tudo – uma física além da física, conforme explica Paiva Netto:

Desde menino, Albert Einstein (1879-1955) sonhava cavalgar num feixe de luz, na frequência sentida e vista pelos seres humanos. Faltou ao cientista genial aprender a transportar-se num raio da Divina Luz, que obedece a leis além das até hoje desbravadas pela ciência terrena. A compreensão integral dos fatos é cosmicamente superior ao entendimento fornecido pela extraordinária física contemporânea, porque existe a sua correspondência, em grau mais avançado, no Mundo Espiritual. Portanto, uma Física além da física (PAIVA NETTO: 174).

Acerca da relatividade do tempo, o autor traz algumas passagens bíblicas, em especial epístolas do apóstolo Pedro, a fim de mostrar que, mesmo muito antes de Galileu e de Einstein, Jesus já inspirara conceitos revolucionários, não compreendidos à época:

Notem que há milênios, antes mesmo das teorias relativísticas propostas tanto por Galileu (1564-1642) quanto por Einstein, cerca de 400 anos depois, já estava em pauta a discussão da relatividade do tempo humano diante do Referencial Divino. Leiam o que diz o Apóstolo Pedro (...) em sua Segunda Epístola, 3:8, combatendo os que, já àquela altura, consideravam que Jesus tardava a voltar, conforme prometera, explicava: - Mas existe uma coisa, caríssimos, que não deveis ignorar: um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos, como o dia que já passou (*ibidem*: 191).

Afirmativa essa reforçada pela brilhante assertiva de Immanuel Kant, autor de *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, trazida pelo autor: “o tempo é a grande mentira dos homens” (KANT *apud* PAIVA NETTO: 398).

Dentre as riquíssimas discussões componentes deste livro – apenas algumas foram trazidas por mim nesta resenha – a mais eloquente consiste nas ponderações constantes do capítulo vinte e cinco da obra: Dessectarização do Cristianismo. O próprio neologismo já nos leva à reflexão e nos desperta curiosidade: “dessectarização” é um termo cunhado pelo próprio Paiva Netto – estudioso

denodado das Escrituras Sagradas e da Doutrina de Jesus – já presente em obras anteriores, como *Jesus, O Profeta Divino*, *É Urgente Reeducação*, o ensaio literário *Evangelho do Sexo*, e nos três volumes das *Diretrizes Espirituais da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo*. O termo é explicado na presente obra da seguinte forma:

Desseccarizar Jesus significa ampliar o entendimento do Seu Poder e da Sua Ação Esclarecedora e Pacificadora nos corações humanos (...) transcendendo a Religião, esse divino sentimento é excelente ferramenta de diálogo entre ela [Religião] e a Ciência, a Política, a Filosofia, a Economia, a Arte, o Esporte, a vida pública e a vida doméstica, enfim, entre todos os ramos das realizações terrenas (...) Jesus é Cristo Ecumênico, portanto, universal. (...) O Divino Mestre não é limitado (PAIVA NETTO: 327-9).

E encerra o capítulo afirmando que: “Portanto, é dessa maneira abrangente que compreendemos o Jesus Ecumênico, logo, universal, e Seus ensinamentos redentores, isto é, acima de idiossincrasias ou atavismos grosseiros. Um Jesus sem algemas” (*ibidem*, p. 334).

Este livro analisa ecumenicamente o emblemático sofrimento do Cristo, trazendo reflexões de pensadores das mais diversas crenças – e descrenças – bem como do público em geral. Paiva Netto busca lançar novas luzes sobre as cruéis provas enfrentadas por Jesus e por Ele vencidas, quando, ao se entregar em sacrifício por Amor aos ser humano, obteve do próprio Deus a Magna Autoridade e o Supremo Poder. E o autor explica de que forma isso se dá:

Quando O entronizaram na Cruz, Ele se tornou flagrantemente Rei. Já O era e assim então se constituiu, à vista de todos, acima dos olhos ainda embaraçados da humanidade. Pelo modelo de resistência à Dor moral e espiritual, de que foi e é paradigma, alçou-se como exemplo que todos devemos seguir (*ibidem*, p. 243).

Enfim, para todos os pesquisadores, das diversas áreas do saber, que ainda não entendem Jesus como algo além de um símbolo religioso, ou mesmo que pouco sabem da trajetória do Cristo, é fundamental a leitura desta obra, porquanto tira as algemas impostas por quase dois mil anos ao Cristo e à Sua Doutrina, libertando-os do universo panóptico onde interesses político-ideológicos o trancafiaram. A personalidade a ser compreendida pela obra de Paiva Netto é o Jesus revolucionário, o Jesus democrata, o Jesus cientista, o Jesus médico, o Jesus cuja Autoridade deve ser concebida da forma como o Apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso, afirmara com primazia em sua segunda carta aos Coríntios, capítulo terceiro, versículo sexto: “(...) a letra mata, o espírito vivifica”. Que saiamos das superficialidades e adentremos o mundo das possibilidades!